

DESTAQUES DO PORTAL A TARDE



Caio Duran / Divulgação

Bell Marques e Saia Rodada animarão Praia do Forte
www.atarde.com.br/cultura

Pais são criticados por filho usar vestido em casamento
www.atarde.com.br/mundo

www.atarde.com.br
71 3340-8991
(Cidadão Repórter)
71 99601-0020
(WhatsApp)

EDITORIAL *Suprema pressão*

O Supremo Tribunal Federal vem arquivando processos nos quais se podia interpretar suspeição contra integrantes do órgão responsável por proteger a Constituição Cidadã de 1988. São 111 ações envolvendo ministros em todo este período de três décadas, sem que nenhuma delas tenha ido a plenário. O regimento teria sido violado, conforme pesquisa da instituição FGV Direito.

Os ministros, ao se auto-protegerem, teriam agredido a cláusula da imparcialidade. Em 14 ações, os ministros declararam-se impedidos por conta própria, o que provocou o automático arquivamento. Dos questionamentos rejei-

tados, em 20 ações analisadas, partiu do próprio ministro presidente do Supremo a decisão de estancar a possibilidade de permitir prosperar a ação proposta.

Os casos engavetados deveriam ter ido

O STF preferiu silenciar a pôr lenha numa fogueira que pode ter interesses não declarados de faces ocultas

a plenário. Apesar da aparente gravidade da análise da pesquisa, o STF preferiu silenciar a pôr lenha numa fogueira que pode ter interesses não declarados de faces ocultas. Não se pode reivindicar inocência quando percebe-se o agigantamento da cidadania ao indagar os métodos da condução de processos de cunho político-moralista da Operação Lava Jato no momento de delação da extensa coleção de ações abortadas no STF.

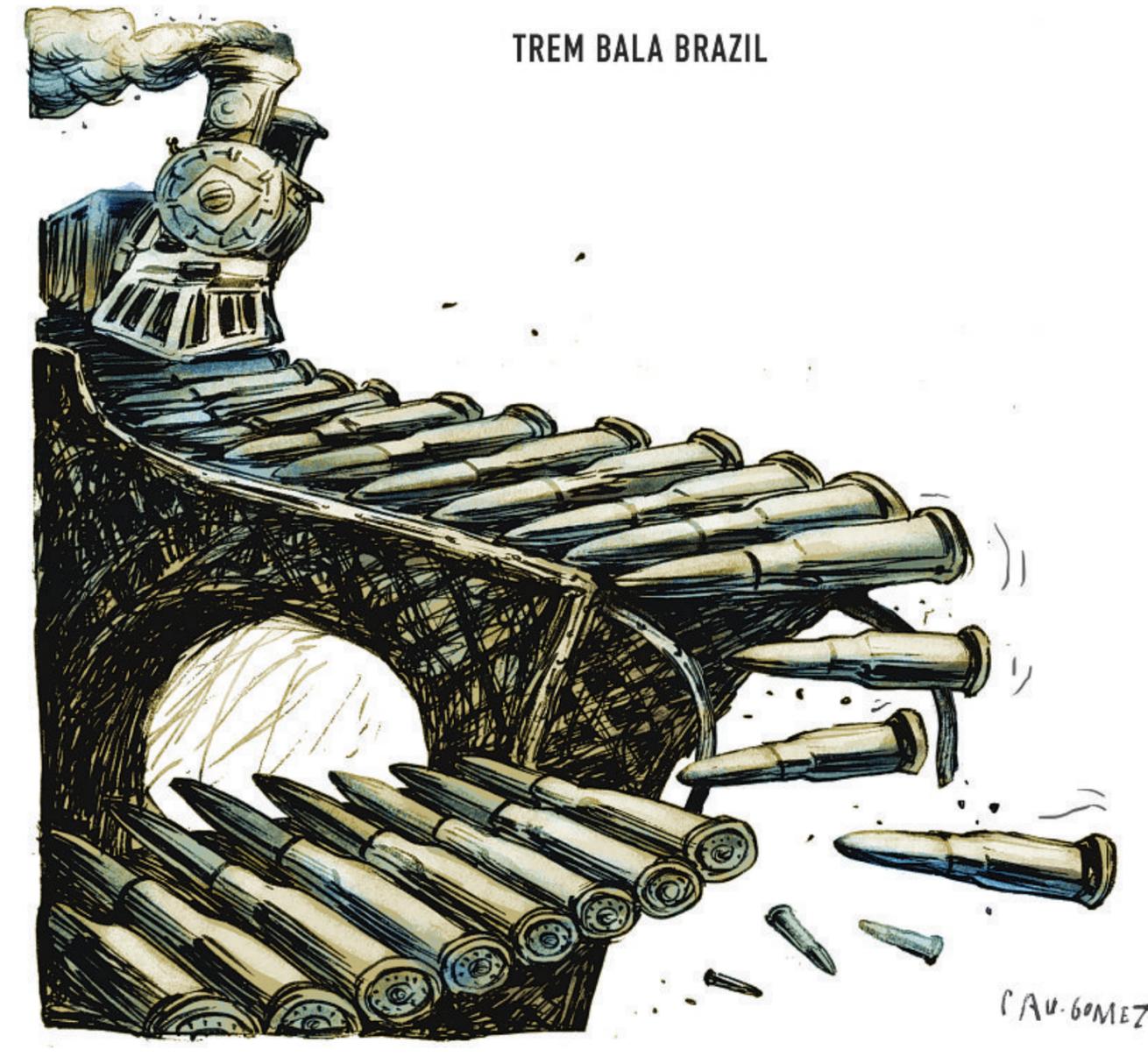
Ora, sabe-se que está próximo o dia de o tema 'suspeição' voltar à pauta, desta vez como pedido de defesa do ex-presidente Lula, detido em Curitiba: um processo capaz de questionar, enfaticamente, as

intenções do então juiz e atual ministro Sergio Moro.

A apresentação da pesquisa ocorre após a derrota sofrida pelos operadores de direito desejosos em transferir Lula para uma prisão coletiva em Tremembé, São Paulo. O placar elástico de 10x1 deu novo vigor à pálida imagem de um STF acuado.

Nestes eventos, como em outros, é preciso garantir segurança aos ministros do STF, cuja perda de um colega por desastre aéreo, Teori Zavascki, ainda ecoa em temor e sofrimento, embora não os impeça de corrigir o mau costume de omitir seus próprios erros.

CAU GOMEZ



TREM BALA BRAZIL

O capitalismo ao extremo

Helington Rangel

Professor universitário, economista, jornalista
helingtonr@gmail.com

Existe falta de clareza e exatidão do termo anarquismo, porém, fácil de ser entendido como caos, homem que abandonou todos os princípios, às vezes apontado como terrorista. Na realidade, uma teoria social e movimento político – presente na história ocidental desde o século XIX a metade do século XX – que sustenta a ideia de que a sociedade existe de forma independente e antagônica ao poder do Estado, considerado dispensável e até mesmo nocivo ao estabelecimento de autêntica comunidade humana.

Joseph Proudhon, nascido em Besançon, França, tornou-se o pai do anarquismo e membro do Parlamento do seu país após a revolução de 1848. Impressor de livros em latim, na sua primeira obra “Inquérito sobre o Princípio do Direito e de Governo” está registrada a sua mais célebre afirmação: “a propriedade é um roubo”. A divulgação do livro atraiu atenção das autoridades francesas e o escrutínio de Karl Marx.

De acordo com Nicolas Hardy Walter, escritor anarquista e ateu britânico, a “forma de ação anarquista comum é fazer com que a agitação, gerada por determinada questão, transforme-se em participação ativa numa campanha, podendo ser reformista, tentando mudar algo sem alterar todo o sistema, revolucionária, legal ou ilegal, violenta ou apenas não-violenta

O pensamento de Proudhon forneceu o suporte intelectual do movimento anarquista europeu. O russo Michel Bakunin, uma das figuras mais influentes do anarquismo e um dos principais fundadores da tradição social anarquista, sempre atribuiu a Proudhon o título de “Mestre de Todos Nós”.

Durante a segunda metade do século XX, surgiu uma configuração de anarquismo contemporâneo, sem relação com o histórico, entretanto, conservando ideias do antigo do século XIX: o anarcocapitalismo promove a eliminação do Estado e a proteção e soberania do indivíduo, através da propriedade privada e do mercado livre.

Em uma sociedade anarcocapitalista, a educação, a saúde, os tribunais e todos os serviços de segurança pública são produzidos por concorrentes privados, não por impostos, sobretudo a aplicação de moedas correntes num mercado aberto. Portanto, as atividades pessoais e econômicas no anarcocapitalismo são reguladas através de gestão do direito privado, e não pela lei da administração política.

O governo de Jair Bolsonaro demonstra ser partidário dos princípios éticos e conduta moral do anarcocapitalismo no seu ponto máximo: o Brasil continua sem um plano econômico apropriado ao nome e cada vez distante do crescimento, mais longínquo do desenvolvimento, segundo denunciaram economistas das melhores universidades do País – e a obra da equipe de Paulo Guedes se assemelha a um leilão irrestrito dos ativos nacionais apenas para estrangeiros.

Adaptação às mudanças climáticas: as pessoas em primeiro lugar

Daniel Morchain

Pesquisador associado do International Institute for Sustainable Development (IISD), que sedia a Rede Global de Planos Nacionais de Adaptação (NAP Global Network), e co-organizador do “Capacity-building Knowledge to Act Day” na Semana Regional do Clima de Salvador

América Latina está reunida esta semana em Salvador, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Mudança Climática (UNFCCC, na sigla em inglês), para debater e – esperamos – agir concretamente sobre a crise climática que tem afetado a todos nós. Uma crise que cada vez mais define nossas vidas e que poderá significar o fim do mundo tal qual o conhecemos.

A gravidade da situação torna imperativa a abordagem de duas ações existenciais.

Primeiro, temos que nos adaptar às mudanças trazidas pelas novas e oscilantes condições climáticas. Adaptar-se significa agir de forma a preservar nosso bem estar. Ações simples como a coleta da água da chuva para o uso doméstico ou a formação de grupos

comunitários para proteger os idosos das ondas de calor são exemplos efetivos de adaptação.

Em segundo lugar, temos de vislumbrar um mundo que dê às atuais e futuras gerações condições de existência. Será um mundo diferente daquele em que nossos pais cresceram. Mas, apesar da desilusão decorrente da severidade das mudanças, temos a liberdade e a responsabilidade de entrever um novo modelo.

Trata-se de um modelo colaborativo, mas onde há lugar para o confronto. E assim deve ser, já que, mesmo frente às contingências trágicas sem precedentes, governos e corporações agem como se o desafio fosse similar a outros enfrentados anteriormente. Como se bastassem tecnologias mais modernas para resolvê-lo.

Este novo modelo deve servir de caixa de ressonância das vozes dos jovens líderes que clamam por um estilo de vida mais sustentável. Deve reconhecer o valor daqueles outrora considerados como “não técnicos” e, portanto, tidos como incapazes de contribuir para moldar um novo futuro.

Esse novo modelo deve ecoar o pen-

samento dos que escolhem comer menos carne, dos que pensam duas vezes antes de fazer viagens aéreas, dos que protegem o meio ambiente por meio de pequenos gestos e de uma atitude pautada na empatia e compaixão.

Precisamos de um novo modelo porque o antigo fracassou em produzir uma visão de futuro benéfica à maioria das pessoas e aos ecossistemas.

Enfrentar a crise climática e promover a adaptação exige mais que priorizar projetos tecnológicos e de engenharia. É preciso ouvir aqueles que veem a solução na transformação da forma como interagimos entre nós e com o meio ambiente.

A crise climática que vivenciamos é reflexo de um arranjo institucional retrógrado, cujas ações unilaterais são direcionadas por interesses e conhecimentos alheios à grande maioria da população.

Nosso planeta clama por mudanças profundas que exigem a contribuição de todos. E isso não acontecerá sem que o debate sobre a mudança climática passe a tratar também de compaixão, dor, medo e esperança.